

EPISTEMOLOGIA FEMINISTA NEGRA: MULHERES NEGRAS COMO AGENTES INSUBMISSAS DE (RE)EXISTÊNCIA

BLACK FEMINIST EPISTEMOLOGY: BLACK WOMEN AS UNSUBMISSIVE AGENTS OF (RE)EXISTENCE

EPISTEMOLOGÍA FEMINISTA NEGRA: LAS MUJERES NEGRAS COMO AGENTES INSUMISOS DE (RE)EXISTENCIA

Steffane Pereira Santos¹

Resumo: O presente artigo objetiva discutir mulheres negras como agentes de resistência em dois campos, a saber: (1) o movimento feminista negro e (2) em sua vida cotidiana. Para isso, parto da dialética entre opressão e ativismo de Patricia Hill Collins, que versa sobre a reação de nós mulheres negras frente a opressões interseccionais. Mobilizo também o conceito de agência de Sherry Ortner, para marcar a que me refiro enquanto tal. Aponto sobre a importância da experiência para a construção do conhecimento e me aproprio da compreensão de epistemologia feminista negra para inserir mulheres negras como produtoras de saberes.

Palavras-chave: feminismos negros; epistemologia feminista negra; mulheres negras.

Abstract: This paper aims to discuss black women as agents of resistance in two fields, namely: (1) the Black feminist movement and (2) in their everyday lives. To do so, I start from Patricia Hill Collins' dialectic between oppression and activism, which deals with how we black women react to intersectional oppressions. I also mobilize Sherry Ortner's concept of agency to mark what I am referring to as such. I point to the importance of experience for the construction of knowledge and appropriate the understanding of black feminist epistemology to center black women as producers of knowledge. The tireless work that has made Black feminists in various parts of the world insert race as central to the gender debate, incorporating this *locus*, intersectionality.

Keywords: black feminisms; black feminist epistemology; black women.

Resumen: El objetivo de este documento es debatir sobre las mujeres negras como agentes de resistencia en dos ámbitos, a saber: (1) el movimiento feminista negro y (2) en su vida cotidiana. Para ello, parto de la dialéctica entre opresión y activismo de Patricia Hill Collins, que aborda cómo reaccionamos las mujeres negras ante las opresiones interseccionales.

¹ Graduanda em Ciências Sociais na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Email: steffanespereira@gmail.com

También movilizo el concepto de agencia de Sherry Ortner para marcar lo que me refiero como tal. Señalo la importancia de la experiencia para la construcción del conocimiento y me apropio de la comprensión de la epistemología feminista negra para centrar a las mujeres negras como productoras de conocimiento. El incansable trabajo que han realizado las feministas negras en diversas partes del mundo inserta la raza como central en el debate de género, incorporando este locus, la interseccionalidad.

Palabras clave: feminismos negros; epistemología feminista negra; mujeres negras.

INTRODUÇÃO

Na dialética entre opressão e ativismo, proposta por Patricia Hill Collins (2019), nós mulheres negras estamos em uma relação díade acerca das opressões sofridas. Estamos sempre reagindo, sendo agentes, isto é, estamos movendo estruturas.

Cabe apontar, que quando utilizo a categoria de mulher no presente trabalho, estou considerando-a dinâmica, fluida, não fixa e estática. Considero mulheres os indivíduos que se reivindicam nesta categoria. Não estou partindo de uma categoria errônea e biologizante. A pluralidade de ser mulher, quando escolho utilizar o conceito, é incorporada no presente. A multiplicidade de nossos corpos não pode ser desconsiderada (VÈRGUES, 2020; SANTOS, 2020).

Escolho utilizar também a categoria de agência. Sherry Ortner (2007) faz contribuições contundentes sobre o conceito, concluindo dois campos principais para a agência. O primeiro, se dedicando sobre a agência como intencionalidade e interpelada ao fato de perseguir projetos culturalmente definidos. O segundo compreende-se a agência enquanto imbricada ao poder, estando relacionada à ação no contexto das relações de desigualdade, de assimetria e de forças sociais.

Agência, para Ortner (2007), não deve ser somente entendida em um campo ou outro, mas aplicada de uma maneira ampla. O campo mais comum a ser utilizado, por sua vez, é o segundo, que se articula para análises de resistência, podendo ser entendido como a disposição que as pessoas têm em agir em seu próprio nome.

Nessa diretriz, o presente trabalho busca discutir dois campos de agência para nós mulheres negras, sendo (1) o movimento feminista negro brasileiro e (2) nossa vida cotidiana. O primeiro, enquanto movimento político organizado de resistência e o segundo marcado por nossas experiências na vida cotidiana, delineando e demarcando a presença de ação política de mulheres negras nestes dois campos.

Assim, aciono a epistemologia feminista negra, proposta por Patricia Hill Collins (2019), que é produzida a partir de nossa vida cotidiana como fundamental para nossa ação em coletivo. O trabalho em tela elucida uma revisão bibliográfica da temática. Cabe dizer também, que o “nós” que me refiro nessa comunicação, se refere ao segmento de mulheres negras, segmento esse a qual pertença. As compreensões realizadas nesse trabalho emergem, de maneira localizada, de uma pesquisadora negra, feminista e bissexual.

MOVIMENTO FEMINISTA NEGRO

Sueli Carneiro (2003) nos aponta para o trabalho de enegrecimento do feminismo, que nós, mulheres negras, fizemos ao longo das décadas de luta no país. Ao unir em uma mesma direção nossa posição frente ao menos dois marcadores, raça e gênero, estamos no meio de uma encruzilhada, como prefere chamar Carla Akotirene (2019). Para compreender essa perspectiva, o paradigma da interseccionalidade proposto por Kimberlè Crenshaw (2002; 2004) torna-se fundamental para demarcar a perpetuação de opressões.

A interseccionalidade, por sua vez, se compreende enquanto uma categoria metodológica dinâmica, que objetiva dar conta de visualizar categorias imbricadas dentro das hierarquias sociais, para Crenshaw. Ainda sob luz da mesma autora, a intelectual do direito, para corporificar o paradigma, mobiliza o caso da empresa General Motors em 1976, em que mulheres negras reivindicavam espaços de trabalho na empresa, que contratava mulheres brancas e homens negros, mas não mulheres negras. A relação de gênero e raça foi colocada em voga separadamente, excluindo mulheres negras.

O paradigma tem ganhado espaço nas últimas décadas dentro do ambiente acadêmico e sendo mobilizado por diversos movimentos. Embora tenha sido criado somente no fim de 1980, movimentos como *Combahee River Collective*² e paralelamente e inseridas em outro contexto, intelectuais negras brasileiras, como Lélia Gonzalez, já discutiam imbricações entre marcadores de raça e gênero desde a década anterior.

Com intuito de expandir o debate que permeia a interseccionalidade, trago algumas críticas apontadas ao conceito. Para Ochy Curiel (2020) o conceito não questiona sobre a produção das diferenças presentes nas experiências de muitas mulheres. Para a autora, a interseccionalidade tende a multiculturalismo liberal, que não se propõe a questionar as

² Fundada por Bárbara Smith, que foi uma organização ativista feminista negra e socialista criada na década de 1970 em Boston nos Estados Unidos.

razões para a necessidade da inclusão desses marcadores, sendo definido a partir do paradigma moderno eurocêntrico.

Assim, propõe que a compreensão desses marcadores é constitutiva da epistemologia moderna colonial. Pensamento esse que se assemelha às contribuições de Espinosa Miñoso (2020), que entende que não se tratam apenas de intersecções ou entrecruzamentos, mas de uma matriz, a matriz moderna-colonial racista de gênero.

Destarte, o movimento de mulheres negras, se compreendendo enquanto um movimento interseccional, traduz as experiências de mulheres negras em sua vida cotidiana. Para Angela Figueiredo (2017), o pensamento feminista negro se apresenta como um conjunto de experiências compartilhadas por mulheres negras a partir de seu ponto de vista. Essa acepção se converge para a teoria dos pontos de vista ou *feminist standpoint*, discutido por feministas como Patricia Hill Collins (2019).

O movimento feminista negro brasileiro é um dos mais importantes do mundo (CARNEIRO, 2003), apresentando conquistas e enfrentamentos caros frente ao sexismo e antirracismo em sua práxis política. Sendo, por sua vez, um feminismo afro-latino-americano, como nos aponta Lélia Gonzalez (1988), colocando a raça como fundamental para as pautas feministas e construindo apoio transnacional.

Nas lutas coletivas, nós feministas negras somos agentes frente ao feminismo hegemônico, como nos aponta María Elvira Díaz Benítez (2020). Recuperamos assim nossas vozes, tensionando o ponto de vista universalizante que ecoa do feminismo hegemônico, que considerou por muito tempo somente gênero como eixo do debate feminista. Em continuidade, nós nos somos agentes também em nossa vida cotidiana, e assim, produtoras de conhecimento a partir da experiência.

A EPISTEMOLOGIA FEMINISTA NEGRA: NOS TORNANDO PRODUTORAS DE SABERES

Como corroborado por Patricia Hill Collins (2019), a epistemologia feminista negra se apresenta como um dos fundamentos do pensamento feminista negro. A epistemologia feminista negra compreende quatro pilares em sua constituição, a saber: (1) a experiência vivida como critério de significado, isto é, a experiência como produtora de conhecimento; (2) o uso do diálogo na avaliação de reivindicações de conhecimento; (3) a ética do cuidar — expressividade pessoal, emoções e empatia são centrais no processo de validação do conhecimento, o sentir como crucial na validação; e por fim a (4) a ética da responsabilidade

pessoal — responsáveis em relação a suas reivindicações de conhecimento — e nossa responsabilidade pelo o que produzimos.

Desse modo, a epistemologia feminista negra coloca no cerne da discussão a subjetividade de mulheres negras como fundantes para o conhecimento. Em nosso cotidiano, estamos construindo saberes localizados. E assim a epistemologia feminista negra alicerça a resistência de nossa vivência.

A oralidade, a escrevivência³, a poesia e a música, o *jazz*, especialmente como apontado por Collins (2019), incorporam a construção dessa epistemologia que não se dá através de mecanismos dominantes — muito pelo contrário, edifica saber e resistência mediante cultura, afetividade e vivências.

Em caráter de exemplificação, Carolina Maria de Jesus, quando escreve “Quarto de Despejo: diário de uma favelada (1960)” está mobilizando narrativas sobre si. Ao começar a escrever em cadernos que recolhia enquanto catadora de lixo, a poetisa inaugurou um novo modo do fazer epistemológico que traz como central a vivência com seus três filhos na favela do Canindé na capital de São Paulo. Isto é uma produção de conhecimento situada que traz a sua vida cotidiana como produtora de saberes.

Ademais, as afetividades e partilhas que construímos com nossas famílias em nossos espaços seguros (COLLINS, 2019) proporcionam formas de resistências diversas. Por espaços seguros me direciono a uma concepção proposta por Collins (2019), que designa lugares em que mulheres negras compartilham livremente suas questões.

Quando compartilhamos em nossas redes familiares o cuidar através do ensinar trançar cabelos e amarrar turbantes, consolidamos um fragmento dessa construção. Quando assumimos nossos cabelos com ajuda de outras mulheres negras, estamos também criando essa solidariedade ou sororidade, por exemplo.

Em outro caminho, o uso do termo sororidade traz controvérsias e disputas. Para algumas de nós, o conceito não compreenderia as dinâmicas que passamos, tendo em vista que o conceito foi apropriado pelo feminismo hegemônico, de modo que nem sempre nos incorpora. E ainda que isso não limite o termo, o seu significado foi deslocado de seu ponto de partida.

Ao mesmo tempo em que se debruçar sobre a dororidade, proposta por Vilma Piedade (2017), reduziria nossos sentimentos a um lugar de dor e não só de dor somos

³ Consolidada a partir das contribuições de Conceição Evaristo.

compostas. Mas de muitos afetos e de lutas que nos realocam para o que somos. bell hooks⁴ (2005) aponta que em uma cultura de dominação e anti-intimidade, temos de demarcar nosso compromisso de permanecer em contato conosco, com nossos corpos e uns com os outros. Para hooks (2005), celebrando nossos corpos estamos concretizando uma luta libertadora, que liberta nossas mentes e corações.

Lélia Gonzalez em *Debate: A cidadania e a questão étnica* (1985) nos aponta sobre pessoas brancas falarem por nós e nos convida a tornar-nos sujeitos de nosso próprio discurso, de nossas próprias práticas. E há algum tempo, o lixo tem falado e numa boa (GONZALEZ, 1983). Como supracitado, os feminismos negros brasileiros se movimentam desde a década de 1970, com uma agenda ampla organizada de lutas, emergindo dos movimentos negros e do movimento feminista hegemônico. E por que corre a falácia da nossa não movimentação? Seria algum aparato político-ideológico que tange o inconsciente brasileiro?

Não conseguiria desassociar essa falácia ao que Lélia Gonzalez (1983) denomina de neurose cultural brasileira. A ideologia do branqueamento e a democracia racial definem a identidade negra brasileira, formando um duplo nó, para antropóloga (GONZALEZ, 1995). A democracia racial que torna o racismo à brasileira suficientemente sofisticado, para ser incorporado politicamente, socialmente, psicologicamente e institucionalmente, para Abdias Nascimento (2016).

A democracia racial, por sua vez, propaga a mentira da não existência de um conflito racial no país, isto é, a presença de harmonia, que por sua vez corrobora ao silêncio dos conflitos étnico-raciais no país. O silêncio, o não dito, por sua vez, se apresenta como uma característica do racismo à brasileira, segundo Kabengele Munanga (2017). Nascimento (2016) aponta ainda que a imagem desumanizante do animal híbrido, mestiço que hipersexualiza o corpo de mulheres negras, a imagem da “mulata”, é acionada como uma forma de ratificar a democracia racial brasileira.

Retornando a discussão, utilizar as diretrizes da epistemologia feminista negra como parâmetro para o movimento feminista negro, tensiona também as bases do feminismo hegemônico, se extirpando de uma face dominante do movimento que por tanto nos silenciou e invisibilizou não somente nossas demandas, mas a nós mesmas, quando mulheres brancas

⁴ bell hooks se escreve assim, em letras minúsculas, a intelectual faz um pedido da escrita de seu nome assim, com o intuito de que ele não seja maior que suas contribuições.

de classes dominantes deixavam seus filhos com mulheres que se parecem comigo para que sua militância pudessem ser concretizada e seu conhecimento produzido em “nome de todas as mulheres”. Essa questão retoma o que tanto diz e disse o feminismo negro, até as vozes parecerem roucas e ousarem não sair, de que mulheres estamos falando? De mulheres brancas, de classes privilegiadas e cis heterossexuais.

Quando nós somos agentes, estamos nos autodefinindo e para consolidar o que tange se autodefinir, retomando Collins (2019). A socióloga norte-americana aponta que a autodefinição desafia imagens desumanizantes e por vezes estereotipadas que são aplicadas a nós mulheres negras. Quando nos autodefinimos, a partir da nossa compreensão de que sofremos opressões interseccionais, estamos rompendo com o lugar de não-humanidade que nos aplicam. É por sua vez, o rompimento com nossa objetificação enquanto outro. É uma maneira de se autoafirmar e reconhecer, enquanto mulheres produtoras de conhecimento e portadoras de voz. Em uma relação dialética entre quem fala e quem ouve, poderíamos assim, enquanto subalternas falar. Ochy Curiel (2020), aponta que esse processo de autodefinição deve incorporar também a geopolítica, a raça, classe, sexualidade, a capital social, entre outras posições sociais.

O que temos feito em nossa rede de lutas que tange o coletivo (movimento feminista negro) e o subjetivo (nossas vidas privadas) tem nos autodefinido. Colocando em pautas nossas perspectivas e construindo caminhos outros na medida em que nos somos agentes, movendo as estruturas e costurando novas tessituras em um contexto de hierarquia social e da matriz de dominação, que é o campo onde opressões interseccionais nascem e se reproduzem para Collins (2019).

Enquanto agentes de epistemologias outras, outras, pois uma epistemologia dominante opera e impera sobre as formas de resistência e de produção de saberes. Nós mulheres negras construímos uma epistemologia abrangente, a partir do nosso olhar privilegiado sobre uma sociedade. Quando dentro de estruturas dominantes, somos forasteiras de dentro, como propõe Collins (2016). Temos um ponto de vista sensível para opressões normalizadas por uma sociedade racista, sexista, classista e cis-heterossexista. Como agentes construímos pontes entre nossa vida e o ativismo, visando um lugar comum que objetiva atingir a justiça social.

A epistemologia feminista negra é um vetor de ação do movimento feminista negro. Tendo em sua dinâmica central nossas formas de validação do conhecimento e nossa

experiência, materializando nossas subjetividades como primordial para a construção de um coletivo.

CONCLUSÃO

A epistemologia feminista negra é um ponto fundamental para nosso projeto de emancipação, que é o feminismo negro. E por ela nos expressamos e elucidamos um feminismo negro insubmisso e decolonial, como denomina Angela Figueiredo (2020), autora que escolho mobilizar no presente. A epistemologia insubmissa feminista negra decolonial é um ato de rebeldia, que rompe fronteiras e centraliza sujeitos que estiveram às margens da produção do conhecimento, como diz Figueiredo (2020).

Em continuidade, para Yuderkys Espinosa Miñoso (2020) a proposta de um feminismo decolonial é um movimento que proclama uma revisão da proposta do feminismo diante de um viés ocidental, branco e burguês. Os feminismos hegemônicos são propostas alinhadas ao racismo e a colonialidade (ESPINOSA MIÑOSO, 2020).

Romper com hegemonias é uma maneira de nos reafirmamos, enquanto sujeitas que falamos, enquanto locutoras que podem ser ouvidas. Por uma epistemologia insubmissa feminista negra decolonial, uma epistemologia situada, que emerge da América Latina (GONZALEZ, 1988).

Mulheres negras têm sido grandes agentes epistêmicas e políticas. Mulheres de bica d'água estavam e estão rompendo com estruturas⁵. E que objetiva nos manter vivas. Quando nos articulamos, em movimentos organizados e nas resistências da vida cotidiana, estamos adotando uma política de sobrevivência e subversão quando vivemos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

_____. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**. 17, 2003.

⁵ Em uma ocasião, em um encontro de mulheres feministas em 1983, Lélia Gonzalez expôs o relato de uma das integrantes do Nzinga/RJ, quando, ao discutirem sobre quem representaria as mulheres no comício das Diretas no dia 21 de março, uma feminista branca, não aceitando a indicação de uma mulher negra e favelada para o comício declarou que: “mulher de bica d'água não pode representar as mulheres”.

CRENSHAW, Kimberlé. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. VV. AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, p. 7-16, 2004.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016.

_____. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Trad. Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

OCHY, Curiel. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: Heloisa Buarque de Hollanda. (Org.). **Pensamento feminista hoje. Perspectivas decoloniais**. 3ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

DÍAZ BENÍTEZ, María Elvira. Muros e pontes no horizonte da prática feminista: uma reflexão. In: HOLANDA, Heloisa Buarque. (Org.). **Pensamento feminista hoje. Perspectivas decoloniais**. 3ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, v. p. 306.

ESPINOSA MIÑOSO, Yuderkys. Sobre por que é necessário um feminismo decolonial: diferenciação, dominação coconstitutiva da modernidade ocidental. **MASP**. Afterall. 2020.

FIGUEIREDO, Angela. **Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020.

_____. Somente um ponto de vista. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 51, e175117, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Debate: A cidadania e a questão étnica (1985) In: **Primavera para as Rosas Negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. Coletânea Organizada e editada pela União dos Coletivos Pan-Africanistas (UCPA). Diáspora Africana, 2018.

_____. Por um feminismo afro-latino-americano. (1988) In: **Primavera para as Rosas Negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. Coletânea Organizada e editada pela União dos Coletivos Pan-Africanistas (UCPA). Diáspora Africana, 2018.

hooks, bell. Alisando o nosso cabelo. **Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba**, janeiro-fevereiro, 2005.

MUNANGA, Kabengele, 2017. “As ambiguidades do racismo à brasileira”. In: KON, Noemi Moritz, DA SILVA, Maria Lúcia & ABUD, Cristiane Curi. **O Racismo e o Negro no Brasil – Questões para a Psicanálise**. São Paulo: Perspectiva.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 1. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

ORTNER, Sherry B. Poder e Projetos. **Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas**, p. 45, 2007.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo, Editora Nós, 2017.